Anna Mascolo, professora do Conservatório Nacional, recebeu agora este convite para ensinar no Canadá.

Anna Mascolo, com um dos filhos, e outros dois alunos de Dança Clássica num momento de pausa dos ensaios que decorriam no Trindade de preparação para a estreia de «A Flauta Mágica».

Anna Mascolo vai ser professora dos «Grands Ballets Canadiens»

Anna Mascolo tem, desde há largos anos, realizado entre nós uma obra em prol do ballet que se reveste de aspectos altamente positivos e significativos, distinguindo-se pela coragem que sempre demonstrou. A sua carreira brilhante como bailarina proporcionou-lhe contactos com alguns dos melhores mestres e Anna Mascolo acabou finalmente por realizar o seu sonho contribuindo para o ballet em Portugal abrindo em Lisboa uma Escola-Estúdio. Entretanto foi fazendo vários estágios no estrangeiro para aperfeiçoamento, não descurando a sua actividade como bailarina.

Tendo criado um método próprio de ensino, Anna Mascolo recebeu agora este convite para ensinar no Canadá numa das maiores companhias internacionais, os «Grands Ballets Canadiens».

E foi ela própria que nos disse: «Ludmilla Chiriaeff, no passado mês de Março, propôs à Escola de Dança do Conservatório, de cujo corpo docente faço parte, convidar-me para leccionar no Curso de Verão e Aperfeiçoamento da Escola Superior dos «Grands Ballets Canadiens» que se realiza de 7 de Julho a 2 de Agosto. Ao mesmo tempo dirigiu-me igual convite e outro mais: o de me encarregar, durante a minha estada lá de algumas classes infantis, médias e superiores, de classes de «variations» e «pas de deux» para raparigas e rapazes finalistas daquela escola superior e, ainda, dirigir classes especiais para as bailarinas da companhia e um curso de metodologia (assente no meu método) para professores. O Conservatório Nacional acedeu e eu também. Aqui tem.»

Num intervalo dos ensaios da «Flauta Mágica», no Trindade, Anna Mascolo em conversa com Tomaz Ribas, conhecido crítico e estudioso de ballet.

Alunos do Estúdio-Escola de Dança Clássica participaram na versão ora apresentada da «Flauta Mágica» em português pela Companhia Portuguesa de Ópera.

CANADÁ RECONHECE MÉRITO DE ANNA MASCOLO E CONVIDA-A PARA ENSINAR

— A última vez que dancei em Portugal foi em 1973, no S. Luiz, em condições péssimas, pois cheguei a estar levantada 24 horas por dia, e ainda hoje estou para saber como me consegui aguentar no palco...

E a próxima vez que vai dançar?

— Não sei, talvez no Canadá...

Efectivamente, a bailarina portuguesa Anna Mascolo foi convidada pela directora dos Grands Ballets Canadiens para fazer parte do corpo docente do curso de Verão da Escola Superior daquela companhia, mundialmente célebre.

Na carta que foi enviada a Anna Mascolo, convidando-a para desempenhar aquelas funções em Montréal, podemos ler: «Tendo-a visto no ano passado, por ocasião do concurso realizado em Lisboa, onde constatei a qualidade do seu ensino, proponho confiar-lhe certas classes de crianças ou adolescentes de nível intermédio, assim como classes de nível avançado. Além disso, teria todo o interesse em que, num curso especial, entrasse em contacto com os alunos que aspiram a uma carreira profissional, a fim de lhes expôr a sua maneira de conceber o ensino da dança. Durante esse tempo, a nossa companhia realiza a sua temporada de Verão no Théâtre Expo, pelo que seria um prazer poder contar consigo como bailarina.»

Entretanto, numa carta enviada ao Conservatório Nacional, de cujo corpo docente Anna Mascolo faz parte, a directora do Grands Ballets Canadiens sublinha que a presença daquela bailarina no Canadá como professora será «extremamente enriquecedora e estimulante para a companhia».

Como podemos ver, uma vez mais os artistas portugueses acabam sempre por ver o seu mérito reconhecido lá fora, embora sejam praticamente ignorados entre nós. Mas porquê este desconhecimento do valor real de uma bailarina como Anna Mascolo? Para já, e na opinião da própria bailarina, «já é tempo que o bailado saia das mãos dos amadores e passe a bailado profissional, como expressão de cultura de um povo e não como uma manifestação que é relegada apenas para uma camada da população». Por outro lado, «a situação caótica do ensino do bailado em Portugal não permite que exista um público perfeitamente esclarecido e capaz de apreciar e reconhecer os verdadeiros valores». Aliado a tudo isto, está o facto de, «em Portugal, à frente destas iniciativas se encontrarem, muitas vezes, pessoas sem qualquer competência para aproveitarem as qualidades das pessoas».

— Na verdade, quando, no Grupo Gulbenkian de Bailado, insisti na necessidade de se criar uma escola que fosse e viveiro desse mesmo grupo, fui acusada de ser ambiciosa. A minha ambição não passava, afinal, de querer fazer em Portugal, no século XX, o que, por exemplo, os franceses fizeram no século XVII.

Ainda a respeito da situação do bailado e dos bailarinos em Portugal, Anna Mascolo acrescentou que «a profissão de bailarino no nosso País tem de ser uma realidade a lançar pelo próprio Estado, pois se assim não acontecer o bailarino em Portugal continuará a ser uma espécie de marginal. Por outro lado, o bailado em Portugal não se pode resumir apenas a uma aprendizagem, mas terá que haver, simultaneamente, grupos de bailado onde as pessoas se possam realizar profissionalmente».

Falando da sua própria experiência, Anna Mascolo lembrou que casos como o seu não se podem repetir em Portugal. Na verdade, os inúmeros sacrifícios que fez, enquanto se encontrava no estrangeiro, de pouco lhe serviram: quando voltou a Portugal (depois de ter dançado, inclusivamente, no Scala de Milão), Anna Mascolo viu-se colocada perfeitamente à margem, vendo-se obrigada a deixar de dançar. Tudo isto numa altura em que se importavam dezenas de bailarinos estrangeiros...

— Independentemente de tudo isto — prosseguiu — há que ajudar as pessoas que pretendem fazer alguma coisa pelo bailado. A grande mágoa da minha vida é não poder agradecer a ninguém, senão a mim própria, tudo aquilo que consegui, com grande esforço pessoal, sem qualquer incentivo e sem nenhuma ajuda material. Assim, achei que devia fazer qualquer coisa para tornar mais fácil a aprendizagem de todos os que estiverem verdadeiramente interessados em fazer qualquer coisa pelo bailado.

Anna Mascolo, além de fazer parte do corpo docente do Conservatório Nacional, tem o seu próprio estúdio de dança onde, segundo afirma, «com grandes dificuldades, a pouco e pouco, tenho vindo a insistir no caminho anteriormente traçado, da não cedência, da não facilidade, da resmunguice, por considerar que a dança é qualquer coisa demasiado séria para servir de passatempo a quem quer que seja». «As coisas mais fáceis, acabam sempre por ser as coisas mais difíceis — diz-nos ainda, acrescentando que «fazer uma escola, fazer uma companhia de bailado, quando se é profissional, é extremamente fácil. Isso só se torna difícil quando se esbarra com pessoas que nada percebem do assunto e se querem meter naquilo que lhes não diz respeito.»

Para Anna Mascolo, cada pessoa tem o seu lugar no mundo. E assim como ela seria «incapaz de escalar os Himalaias», também, segundo afirma, não admite que «pessoas que nada percebem de sua profissão venham destruir todo um trabalho que levou anos a construir». Trata-se de uma «questão de respeito e cultura».

— Se se fala em Revolução, as coisas têm que ser tomadas por uma ponta e levadas até ao fim. A dança está tão ligada ao ensino que não seria nada descabido que se começasse a pensar no bailado como uma forma de resolver a situação caótica deste último — afirmou-nos, a propósito da integração do bailado no ensino oficial, à semelhança do que acontece noutros países, nomeadamente em Cuba.

— Tenho uma última esperança de que, na realidade, todos estes problemas, que não dizem só respeito à dança, possam finalmente começar a ser resolvidos. Tentar ignorá-los parece-me extremamente criminoso e há que meter mãos à obra antes que esmoreçam completamente as últimas poucas pessoas que têm vontade de os resolver». E acrescenta, um tanto melancolicamente, que «não se pode viver sempre de esperança».

Anna Mascolo, para quem «a arte não é um luxo», que «precisa tanto do bailado como de comer», para quem «a carreira de bailarina é demasiado curta», para quem «cada minute perdido é um minuto precioso», para quem, em suma, «um dia sem aula é um dia de vida perdido», aguarda, entretanto, com uma certa esperança, os frutos da revolução.

— As revoluções, quando acontecem, costumam dar resultados positivos. Assim haja revolução. Neste momento, o que me resta é esperar que, realmente, o 25 de Abril me dê uma resposta.